

REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA OBJETIFICADA E HIPERSEXUALIZADA EM NARRATIVAS DE CHIMAMANDA ADICHIE

REPRESENTATIONS OF THE OBJECTIFIED AND HYPERSEXUALIZED BLACK WOMAN IN CHIMAMANDA ADICHIE'S NARRATIVES

RESUMO

Propomos a análise de momentos-chave de dois romances de Chimamanda Ngozi Adichie – *Meio sol amarelo* (2008) e *Americanah* (2014) – e dois contos – “Jumping Monkey Hill” (2017) e “No seu pescoço” (2017) –, de modo a analisar criticamente as situações em que as personagens femininas, em posições subalternizadas, são vistas como menos que seres humanos e colocadas em condição de objeto. O objetivo central é examinar os impactos da objetificação e da hipersexualização das personagens representadas na obra ficcional de Chimamanda Adichie. Voltamos nossa atenção para os estudos culturais pós-coloniais, que agem como ponto de partida da pesquisa e focam na análise das relações interculturais, além das relações de poder e dominação desenvolvidas a partir do contato entre grupos de diferentes origens e práticas. De fato, com a ampliação desses estudos contra-hegemônicos, uma trajetória de ruptura dos paradigmas historicamente consolidados é delineada. As histórias adichieanas se inserem nesse contexto e contam com representações das experiências vividas, complementando estudos antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações da mulher negra com a sociedade contemporânea. Logo, conceitos como os de Hall (2005), Bhabha (2013) e Fanon (2008) são basilares, assim como os de Davis (2016) e Lugones (2014). Concluímos que o conjunto da obra adichieana contribui para a pertinência da literatura como motivação para questionamentos e veículos de militâncias política, social, sexual e cultural. Adichie está situada em um grupo de autores contemporâneos que escolhem o engajamento pela literatura, para favorecer a saída do Outro do âmbito exclusivamente acadêmico para alcançar maior número de interessados nas temáticas abordadas pela autora.

Palavras-chave: Literatura nigeriana. Pós-colonial. Mulher negra. Chimamanda Ngozi Adichie.

ABSTRACT

We propose the analysis of key moments of two novels by Chimamanda Ngozi Adichie – *Half of a Yellow Sun* (2006) and *Americanah* (2013) – and two short stories – “Jumping Monkey Hill” (2009) and “The thing around your neck” (2009) – in order to critically analyze situations in which female characters, in subalternized positions, are seen

Luana Caetano Thibes

Doutoranda em Letras - Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
E-mail: luanacthibes@gmail.com

Isaias Francisco de Carvalho

Prof. Dr. da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: isaiasfcarvalho@gmail.com

as less than human beings and placed in the condition of objects. The main goal is to examine the impacts of the characters objectification and hypersexualization represented in the fictional work of Chimamanda Adichie. We turn our attention to postcolonial cultural studies, which act as a starting point for the research and focus on the analysis of intercultural relations, in addition to the relations of power and domination developed from the contact among groups of different origins and practices. In fact, with the expansion of postcolonial studies, among others that promote the voice of the marginalized, a trajectory of rupture of historically consolidated paradigms is outlined. Adichiean stories are inserted in this context and have representations of lived experiences, complementing anthropological studies that propose to analyze how black women's relations with contemporary society take place. Therefore, concepts such as those by Hall (2005), Bhabha (2013) and Fanon (2008) are fundamental, as well as those of Davis (2016) and Lugones (2014). We conclude that the whole of the Adichiean work contributes to the relevance of literature as a motivation for questioning and vehicles of political, social, sexual and cultural activism. Adichie is situated in a group of contemporary authors who choose to engage through literature. Thus, debates about the condition of the Other leave the exclusively academic scope to reach other spheres, reaching those most interested in the themes addressed by the author.

Keywords: Nigerian literature. Postcolonial. Black woman. Chimamanda Ngozi Adichie.

Introdução

As transformações nos arranjos e símbolos sociais, em termos de empoderamento de minorias, já há algum tempo podem ser notadas nas representações culturais, políticas e literárias em níveis nacional e internacional. É o caso de múltiplas narrativas contemporâneas que mesclam ilustrações de personagens ficcionais e reais, frequentemente inseridos em contextos verídicos, atuais ou passados. Geralmente, tais narrativas trabalham suas representações de forma a borrar as fronteiras entre literatura, história e antropologia, analisando aspectos sociais e culturais, ratificando ou subvertendo estudos antropológicos, a depender da intenção do autor. A partir da leitura e análise de tais obras literárias, um determinado indivíduo pode, por exemplo, traçar paralelos entre ficção e realidade, desenvolvendo seu pensamento crítico.

A autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie busca representar o lugar da mulher africana nigeriana nos contextos histórico e contemporâneo em grande parte dos romances e contos publicados até o presente. Chimamanda tem, até o momento, três romances publicados – *Hibisco roxo* ([2003] 2011), *Meio sol amarelo* ([2006] 2008) e *Americanah* ([2013] 2014) –, além de uma compilação de contos – *No seu pescoço* ([2009] 2017) – e diversos outros contos publicados em múltiplas plataformas. Além disso, Adichie escreveu poemas, peças teatrais e ensaios ao longo de sua carreira. Seus trabalhos têm como característica priorizar o olhar da mulher negra nigeriana,

levantando diversos questionamentos em narrativas representantes de diferentes momentos históricos do país e do mundo.

Chimamanda vem realizando a divulgação de parte da cultura nigeriana através de suas obras narrativas e de suas palestras, bem como em seus posicionamentos, abordando assuntos relevantes no contexto local (da cultura nigeriana) e global. Exemplos de esferas de sua atuação incluem questões acerca dos obstáculos para o desenvolvimento de países ainda submetidos a outras culturas colonizadoras e neocolonizadoras e temáticas em torno dos movimentos migratórios e a participação da mulher na sociedade contemporânea, sendo esse último tópico, o principal alvo deste artigo.

Diante disso, propomos a análise de momentos-chave de dois romances de Chimamanda – *Meio sol amarelo* (2008), que apresenta duas irmãs com personalidades distintas residindo na Nigéria sexista dos anos sessenta, e *Americanah* (2014), que narra os processos migratórios de entrada e saída de indivíduos no país – e dois contos – “Jumping Monkey Hill” (2017), ambientado em um *workshop* na África do Sul, contexto em que uma autora é assediada pelo anfitrião do evento, e “No seu pescoço” (2017), ambientado em sua maior parte nos Estados Unidos, país em que a protagonista passa por situações de assédio e fetichização –, de modo a analisar criticamente as situações em que as personagens femininas, em posições subalternizadas, são vistas como menos que seres humanos e colocadas em condição de objeto.

O objetivo central deste artigo é examinar os impactos da objetificação e da hipersexualização das personagens representadas na obra ficcional de Chimamanda Adichie. Nossa intenção é observar os momentos em que as mulheres são colocadas em posição inferior e entendidas como menos donas de seus próprios corpos, nos contextos apresentados pela autora, num cenário que prioriza os padrões impostos pela hegemonia eurocêntrica ao mesmo tempo que fetichiza o Outro. Mais especificamente, objetivamos evidenciar aspectos da perspectiva da mulher africana-nigeriana a partir do *corpus* delimitado: até que ponto o corpo feminino é seu mesmo e em que momento passa a ser entendido como coletivo ou como objeto de desejo dos olhos alheios; observar possíveis diferenças entre a interpretação do corpo da mulher negra *versus* o corpo da mulher branca; e verificar de que forma a dominação territorial durante os períodos de invasão Europeia influenciou na noção do corpo da mulher negra africana como algo a ser governado por terceiros.

Fundamentos da pesquisa

Com o intuito de ampliar a discussão em torno das representações femininas adichieanas que vem ganhando expressividade na última década no Brasil e no mundo, direcionamos o olhar inicialmente para pesquisas sobre a obra de Chimamanda Ngozi Adichie focadas em temáticas como pós-colonialidade, descolonização, imigração, questões de gênero, violência e identidade, além de questões linguísticas em torno

da escrita da autora. Ao consultar o levantamento bibliográfico do website *The Chimamanda Ngozi Adichie Website*, mantido pela Université de Liège (Bélgica) e referenciado como fonte segura de informações biográficas pelo próprio website mantido por Adichie, observa-se que a quantidade de livros, artigos e dissertações sobre as obras sofreu um crescimento exponencial nos últimos anos, com a popularização midiática da autora.

Pesquisas como a de Kivai (2010), que explora a voz feminina e as mudanças nas relações entre gêneros no contexto nigeriano nos romances *Hibisco roxo* e *Meio sol amarelo*; a de Koskei (2014), sobre a experiência da imigrante africana no Ocidente no romance *Americanah*; a de Krishnan (2016), que aborda o fetiche em torno do exótico pós-colonial em *Meio sol amarelo*; e a de Sandwith (2016), que observa a narrativa *Hibisco roxo* através das representações do corpo no romance, podem ser encontradas em um levantamento inicial de pesquisas sobre a autora.

Assim como pesquisas no âmbito nacional, como a de Braga (2019), que faz uma leitura mais abrangente das obras de Chimamanda, ao mesmo tempo que foca nos aspectos pós-coloniais e diaspóricos das narrativas; a de Moraes (2017) e a de Moraes e Correia (2020), que tratam de questões de gênero e identidade no livro de contos *No seu pescoço*; e a de Marcelo (2017), que se propõe a analisar a representação da Nigéria no século XX, a utilizando como contraponto ao livro *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe. Destacamos também as pesquisas que dão notoriedade à relevância de Adichie no quadro de escritoras negras contemporâneas, como a de Teotônio (2013) e a de Campos (2018), que fazem um estudo comparativo entre *Hibisco roxo* e *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane, e a de Alves e Souza (2018), que estabelece um diálogo com o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo.

Esses estudos servem como ponto de partida para a presente pesquisa, que tem o intuito de analisar excertos das obras adichieanas a partir de conceitos como o de objetificação e o de fetichização, assim como aprofundar-se mais nas questões de gênero que atravessam as narrativas analisadas. Destacamos pesquisadoras que dedicaram seu trabalho às questões de gênero, observando a relação da mulher com o corpo e, mais especificamente, da relação da mulher negra com seu corpo e de seu corpo com a sociedade. Nomes como o de Beauvoir (2019), Davis (2016) e Lugones (2014) merecem espaço aqui, uma vez que discorrem sobre o encadeamento entre mulher, raça e sociedade.

De acordo com Lugones (2014, p. 935, grifos da autora), “[...] se *mulher e negro* são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença”. Assim, embora as personagens de Adichie estejam longe de serem consideradas personagens silenciadas, a combinação de exclusões em que elas são tidas como parte certamente tem peso significativo em suas vidas. Tendo como exemplo o romance *Americanah* (2014), as personagens negras, já em posição subalternizada por serem membros de dois grupos minoritários, podem ser elencadas a partir do nível de subalternidade em que se encontram (THIBES; CARVALHO, 2013), quando observadas outras características consideradas excludentes no contexto estadunidense. Desse modo, a combinação de

elementos pode delimitar os níveis de subalternidade, como é o caso da personagem Aisha, do Senegal, que é mulher, negra, sem estudos e africana. Não domina a língua inglesa perfeitamente, procura um bom casamento, trabalha trançando os cabelos de outras negras e é vista como inferior pela própria protagonista do romance, mulher, negra e africana.

‘Moro em Princeton.’

‘Princeton.’ Aisha ficou em silêncio por um segundo. ‘Você é estudante?’

‘Eu tinha uma bolsa até pouco tempo atrás’, disse Ifemelu, sabendo que Aisha não ia saber o que era uma bolsa. Naquele raro momento em que a mulher pareceu intimidada, Ifemelu sentiu um prazer perverso. Sim, Princeton. Sim, o tipo de lugar que, para Aisha, só poderia existir na imaginação [...] (ADICHIE, 2014, p. 23-24).

Salientamos que grande parte das personagens criadas por Chimamanda Adichie são pertencentes ao grupo étnico igbo – o mesmo da autora – e, devido a essa particularidade em suas obras, aplicamos os conceitos de gênero levando em conta o contexto das personagens. De acordo com Chimamanda (2017), no manifesto *Para educar crianças feministas*, a própria comunidade igbo se organiza de forma a reforçar a submissão feminina, ao afirmar que “[...] a cultura igbo também ensina que uma mulher não pode fazer certas coisas porque é mulher [...]” (ADICHIE, 2017, p. 51). Entretanto, a autora também afirma que:

[...] uma família com dupla fonte de renda constitui a verdadeira tradição igbo, não só porque as mães plantavam e comercializavam antes do colonialismo britânico, mas também porque o comércio era uma atividade exclusivamente feminina em algumas partes da Igbolândia (ADICHIE, 2017, p. 15).

Voltamos nossa atenção para os estudos culturais pós-coloniais, que agem como ponto de partida da pesquisa e focam na análise das relações interculturais, além das relações de poder e dominação desenvolvidas a partir do contato entre grupos de diferentes origens e práticas. Logo, conceitos como os de Hall (2005), Bhabha (2013) e Fanon (2008) servem como base para a análise.

Ao discorrer sobre o conceito de cultura nacional, Hall (2005, p. 59) afirma que: “A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural”. É o caso da Nigéria, por exemplo, país de origem da maioria das personagens adichieanas, que sofrem com o reflexo de uma unificação violenta¹, além dos impactos culturais do imaginário ocidental quanto à figura do Africano, de forma geral.

¹ Após a Segunda Guerra Mundial, com a publicação de novas Constituições, a Nigéria proclamou sua independência em 1960. No entanto, devido aos anos de colonização e às políticas constituídas no processo de independência, o país encontrava-se fragmentado por disputas políticas enraizadas

Bhabha (2013) investiga essa figura do Africano ao falar sobre o estereótipo do nativo, visto como exacerbadamente sexual e bestial. O teórico descreve:

[...] o estereótipo do nativo fixado nas fronteiras deslizantes entre barbárie e civilidade; o medo e desejo insaciáveis pelo negro: ‘Nossas mulheres estão à mercê dos pretos... Sabe Deus como eles fazem amor’; o profundo medo cultural do negro figurado no tremor psíquico da sexualidade ocidental [...] (BHABHA, 2013, p. 78-79).

O estudioso continua sua análise ao questionar a presença negra na história, que teve sua imagem relacionada ao estereótipo de primitivismo, ao mesmo tempo que ainda ocupa um lugar de deslocamento. Para Bhabha (2013, p. 80), “os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado”. A partir do olhar do homem branco, observam-se momentos de “destroçamento” do corpo negro em diversas cenas narrativas de Adichie, principalmente em situações em que a mulher negra está à mercê do olhar do homem branco. Certamente, há também o destroçamento do corpo da mulher pelo olhar do homem negro, em um nível em que a misoginia e a objetificação não estão ligadas diretamente a aspectos raciais.

Diversas histórias de Adichie colocam o corpo da mulher negra em evidência, explicitando a objetificação e a hipersexualização da negra africana em ambientes domésticos e estrangeiros. Dois momentos podem ilustrar o exercício de apresentação de tais problemáticas nas obras da autora. O primeiro, no conto “Jumping Mokey Hill”, em que a protagonista se incomoda com o olhar lascivo do estrangeiro branco organizador de um *workshop* para autores, afirmando: “Edward está sempre olhando para o meu corpo” (ADICHIE, 2017, p. 119). O segundo, no romance *Americanah*, em que o namorado branco da protagonista revela seu fetiche sexual baseado na personagem-título do filme *Foxy Brown*, de 1974, conhecido pela representação estereotipada e hipersexualizada da mulher negra, ao pedir no momento da relação sexual: “Que tal você fingir que é a Foxy Brown?” (ADICHIE, 2014, p. 213). Ambos, entre outros, revelam a preocupação da autora em narrar situações que podem facilmente ser interpretadas como elogiosas, quando na verdade ocultam uma problemática maior.

Em *Peles negras, máscaras brancas* (2008), Fanon discorre sobre a objetificação do corpo negro, ao afirmar que “[...] no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas.” (FANON, 2008, p. 104).

em diferenças étnicas. De acordo com Oliveira (2014), “[...] poucos anos depois da independência, em 1966, dois golpes militares sucessivos ocorreram e, no ano seguinte, eclodiu a Guerra de Biafra, mais conhecida como Guerra Civil Nigeriana (OLIVEIRA, 2014, p. 230). A Guerra de Biafra “[...] foi o primeiro conflito de grandes proporções em que os dois lados eram comandados exclusivamente por generais e oficiais africanos, ainda que ambos contassem com apoio de conselheiros e armamentos das potências ocidentais. Ao final de quase três anos de combate, o governo federal nigeriano conseguiu derrotar os secessionistas, pondo fim ao conflito em 1970” (OLIVEIRA, 2014, p. 230-231).

Essa dificuldade apresentada por Fanon é consequência do próprio esforço branco de objetificar o corpo negro, fazendo com que o homem de cor se esforce para avançar “[...] num corpo a corpo com a própria negrura ou com a própria brancura, em pleno drama narcisista, cada um enclausurado na sua particularidade, embora, de tempos em tempos, com alguns vislumbres, ameaçados contudo pelas origens” (FANON, 2008, p. 56). Assim, nesse movimento de busca identitária, o homem de cor – e nesse contexto de análise, a mulher de cor – procura dominar o próprio corpo, negando a condição objetificada para assumir seu lugar de sujeito. Nessas hierarquizações de objetificação, a mulher negra é duplamente violentada, portanto, pelos aspectos de gênero e de raça.

Objetificação e hipersexualização em Chimamanda

O romance adichieano *Americanah* se organiza de forma a exemplificar de forma mais direta a questão de gênero somada à questão de raça. Ao retratar a mudança de uma jovem universitária nigeriana para os Estados Unidos, a história acompanha suas descobertas sobre raça, enquanto toma conhecimento da realidade de ser uma migrante negra. A partir do olhar de Ifemelu, a protagonista, o leitor tem acesso ao processo de migração, quais os possíveis motivos que fazem uma jovem enxergar os Estados Unidos da América como principal destino para melhores condições de vida, como a personagem passa a se ver enquanto mulher negra e quais mecanismos de resistência à hegemonia ocidental ela desenvolve ao longo de sua estadia no país estadunidense (THIBES; SANTOS, 2017, p. 471). Por meio da relação entre Ifemelu e seu namorado branco, Curt, podemos observar a figura masculina que acredita ter boas intenções, mas parece alheia à sua visão estereotipada da própria namorada, categorizando-a como “algo a ser experimentado”.

Curt nunca tinha transado com uma negra; ele disse isso para ela após sua primeira vez, em sua cobertura em Baltimore, jogando a cabeça num gesto em que caçoava de si mesmo, como se isso fosse algo que devesse ter feito havia muito tempo, mas que sempre deixara para depois (ADICHIE, 2014, p. 212).

O olhar do homem branco (e do homem negro) sobre a mulher negra pode ser analisado, por exemplo, a partir da teoria de Lugones, que defende a ideia de um feminismo descolonial. A pesquisadora discorre sobre o olhar dos europeus brancos burgueses que se entendiam como civilizados, comparando-se com os colonizados, julgados como tendo personalidades “[...] bestiais e portanto não gendradas, promíscuas, grotescamente sexuais e pecaminosas.” (LUGONES, 2014, p. 936-937). Essa visão do colonizado como bestial e promíscuo estendeu-se, historicamente, por

todo o período de colonização e, conseqüentemente, de escravização no continente africano e nos continentes para onde os escravizados foram levados.

Ifemelu, migrante nigeriana, ouve comentários sobre sua aparência ao interagir com um homem branco, mesmo sem ter nenhuma intimidade com ele, que ainda a compara com “mulheres africanas” no geral, ignorando sua nacionalidade ou grupo étnico. Ao afirmar que: “As mulheres africanas são lindas, principalmente as etíopes” (ADICHIE, 2014, p. 185), esse homem apaga não só parte da identidade de Ifemelu, como também seu controle sobre o próprio corpo, ao ser coagida a aceitar o comentário como elogio, mesmo não se sentindo elogiada.

Assim como a protagonista, que ocupa um lugar intermediário nos níveis de subalternidade que rotulam e categorizam a mulher negra na sociedade estadunidense (THIBES; CARVALHO, 2013), existem outras personagens femininas colocadas em posição de objeto. É o caso da empregada de Kosi e Obinze na Nigéria, apresentada brevemente em *Americanah*, que carrega consigo um valor simbólico e de representação da violência para seu silenciamento e invisibilização.

A mala da menina estava no chão, aberta, com as roupas espalhadas. Kosi estava postada ao lado, segurando com as pontas dos dedos um pacote de camisinhas.

‘Para que isso? Hein? Você veio para minha casa para ser uma prostituta?’

A menina olhou para baixo primeiro, em silêncio, e depois encarou Kosi e disse baixinho: ‘No meu último emprego, o marido da senhora estava sempre me forçando’[...].

‘O último patrão a estuprava, por isso ela decidiu se proteger dessa vez’, disse Obinze (ADICHIE, 2014, p. 42).

Em poucas linhas, essa cena apresenta diversos problemas enfrentados pela mulher negra e pobre. Em primeiro lugar, a invasão de privacidade exercida pela patroa, exigindo revirar seus pertences antes de aceitá-la como funcionária. Em segundo lugar, o julgamento que uma mulher faz da outra, ao se deparar com camisinhas, ilustrando o discurso veiculado de que mulheres sexualmente ativas têm caráter duvidoso. Em terceiro lugar, a conformidade da empregada doméstica diante do estupro. A mulher retratada na cena acima certamente foi condicionada a aceitar situações constrangedoras diversas, e nem passa por sua cabeça levantar a voz para dizer não.

Ao discorrer sobre a formação feminina desde a infância, Beauvoir (2019, p. 44) afirma:

É uma estranha experiência, para um indivíduo que se sente como sujeito, autonomia, transcendência, como um absoluto, descobrir em si, a título de essência dada, a inferioridade: é uma estranha experiência para quem, para si, se arvora em Um, ser revelado a si mesmo como alteridade. É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera

a que pertence é cercada por todos os lados, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventura, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho.

Ainda de acordo com Beauvoir (2019, p. 44), “Essa situação não é única. É também a que os negros da América do Norte conhecem, parcialmente integrados numa civilização que os considera, entretanto, como casta inferior”. Assim, é importante notar a intersecção da questão de gênero com as questões de raça e/ou etnia nas vidas das personagens de Adichie, visto que são integrantes de mais de uma minoria social.

Em sua pesquisa sobre a relação das mulheres com raça e classe, Davis (2016) traça o percurso da mulher negra no contexto estadunidense desde a época da escravidão até os tempos atuais, de modo a compreender a posição subalterna da mulher negra na sociedade ocidental. Ao investigar as raízes da posição da mulher negra nos Estados Unidos, a autora relata a experiência da escravizada nas lavouras e em outros contextos, em comparação à experiência masculina:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 25).

A teórica prossegue descrevendo a evolução do olhar sobre a mulher negra nas décadas seguintes e mostrando de que forma as mudanças nas leis em torno do trabalho escravo influenciaram a noção do corpo da mulher escravizada. De acordo com a autora, devido à abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava, o corpo feminino passou a ser valorizado por sua capacidade reprodutiva. Dessa forma, a mulher escravizada, que já era vista como propriedade, perdeu ainda mais o poder de voz sobre o próprio corpo, sendo tratada como objeto.

Ao avançar para a situação da mulher negra nos dias atuais, Davis aborda as diversas situações de abuso sexual a que uma mulher pode ser submetida. A autora aponta:

Há o drama diário do racismo representado pelos incontáveis e anônimos enfrentamentos entre as mulheres negras e seus abusadores brancos – homens convencidos de que seus atos são naturais. Essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais. Até mesmo a extraordinária escritora Gertrude Stein

descreveu uma de suas personagens negras como possuidora da ‘simples e promíscua imoralidade do povo negro’ (DAVIS, 2016, p. 175).

Ainda no contexto estadunidense, o conto “No seu pescoço” apresenta muitas similaridades com o romance *Americanah*, ao narrar a história de uma jovem imigrante nigeriana que acredita ter “ganhado a loteria do visto americano”, e passa por uma jornada de autoconhecimento a partir do olhar ocidental. A personagem central do conto, Akunna, também se envolve com um homem branco, em um relacionamento que é percebido como “anormal” por terceiros. E seu relacionamento com o homem branco também parece partir do imaginário ocidental em relação à mulher africana. Embora nesse conto o namorado branco demonstre ter uma visão mais ampla do que é a África, sua romantização da pobreza dos países considerados periféricos (ou em desenvolvimento) serve como alerta para Akunna, que age com cautela inicialmente. A narrativa, escrita em segunda pessoa, pontua a percepção da protagonista, que afirma: “Você tentou desdenhá-lo [...], pois os brancos que gostavam demais da África e os que gostavam de menos eram iguais – condescendentes” (ADICHIE, 2017, p. 130).

No entanto, antes de envolver-se com o namorado branco, Akunna passa pela situação de assédio sexual que a faz aventurar-se no interior estadunidense sozinha. O assédio parte de um homem negro, considerado seu tio e seu anfitrião inicial no país americano.

Até que seu tio entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos. Ele não era seu tio de verdade; na verdade, ele era irmão do marido da irmã de seu pai, não parente de sangue. Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama – a casa era dele, afinal de contas –, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2017, p. 127).

O excerto evidenciado revela que a noção do corpo feminino negro enquanto algo a ser usado, aproveitado, tocado sem consentimento, não parte apenas de homens brancos – ocupantes da posição hierárquica superior no sistema patriarcal historicamente reforçado pelo ocidente –, mas também de homens negros, que podem reproduzir atos de violência.

São diversos os momentos em que Adichie narra situações de assédio vividas por suas personagens, vítimas tanto de homens brancos quanto de homens negros. Retomamos aqui a situação apresentada no conto “*Jumping Monkey Hill*”, em que Ujunwa, uma escritora nigeriana, se sente desconfortável com o olhar do organizador

britânico do *workshop* para autores africanos. A personagem, no entanto, se vê na situação em que escolhe entender os comentários assediadores do organizador como piadas, para não se indispor com o grupo.

No começo, Ujunwa tentou não notar que Edward muitas vezes observava o seu corpo, que seus olhos nunca ficavam fixos em seu rosto, mas sempre um pouco mais pra baixo. [...] Os participantes estavam sentados no terraço e, depois que ele distribuiu os papéis, Ujunwa viu que todos os lugares sob os guarda-sóis estavam ocupados.

‘Eu não me importo de sentar no sol’, disse ela, já se levantando.

‘Quer que eu levante para você, Edward?’

‘Gostaria muito que você se deitasse para mim.’ O momento foi úmido, espesso; [...] Edward sorria. Só o ugandês e o tanzaniano tinham escutado. Então o ugandês riu. E Ujunwa riu, porque era engraçado e espirituoso, ela disse a si mesma, se você parasse para pensar (ADICHIE, 2017, p. 116).

Observa-se, assim, o drama vivido por mulheres negras que se calam frente aos abusos sofridos por terceiros, visto que a própria sociedade endossa o discurso da mulher negra como exacerbadamente sexual e promíscua. Assim como o desconforto em relação ao gênero, que silencia a mulher que não quer ser vista como inconveniente e “problematizadora”, existe também um desconforto em relação à raça, o qual, no contexto analisado, não cogita a possibilidade de dissociação. Ao discorrer sobre a própria experiência enquanto mulher negra, hooks sente-se “invisível” em situações de racismo e misoginia. Para seus colegas, “o racismo que se manifesta nas interações do dia a dia [...] é apenas um desconforto a ser evitado, não algo a ser confrontado e desafiado” (hooks, 2019, p. 129). Para Ujunwa, ser complacente com uma situação de assédio parece o caminho mais fácil para evitar uma situação considerada desconfortável para o grupo. Entretanto, o silêncio machuca, e a conclusão do conto é aflitiva, quando narra:

Havia outras coisas que Ujunwa queria dizer, mas não disse. Havia lágrimas brotando em seus olhos, mas ela não deixou que caíssem. Estava ansiosa para ligar para a mãe e, enquanto caminhava na direção de seu bangalô, perguntou-se se este final, num conto, seria considerado plausível (ADICHIE, 2017, p. 124).

Em *Meio sol amarelo*, as personagens femininas são representadas como cientes dessa condição de silenciamento, dominadas pelo universo masculino. As situações a que as gêmeas Olanna e Kainene são submetidas, mesmo sendo filhas de um “Chefe”, um homem que detém poder na Nigéria, demonstram que a posição considerada privilegiada na sociedade nigeriana não as protege de ter seus corpos rebaixados ao lugar de objeto. Através das experiências das personagens, temos acesso aos novos ricos

nigerianos, pessoas que lucraram com o processo de colonização e/ou com a guerra da independência, e encontram-se em situação confortável em uma nação que ainda tenta se reerguer. Olanna é retratada como a irmã mais socialmente engajada e, enquanto questionadora do *status quo*, exprime certo constrangimento quanto a sua condição financeira e social privilegiada, principalmente devido a formação universitária que a permitiu engajar-se em discussões e causas sociais (THIBES, 2018, p. 67).

Kainene, por sua vez, manifesta um posicionamento que aparenta ser mais tolerante quanto à sua posição na sociedade nigeriana e o que é esperado dela enquanto mulher participante ativa desse grupo. No entanto, a personagem revela o cinismo com que trata a situação subalternizada em que se encontra, postura essa enfatizada ao longo de toda a história. Kainene é a gêmea que, ao mesmo tempo que parece aceitar mais seu papel feminino na sociedade nigeriana, tece críticas mais assertivas quanto ao que se espera da mulher em uma família tradicional nigeriana. Em circunstâncias de discussão de negócios, por exemplo, seus pais a submetem à posição de “parte da transação”, ou como Kainene observa, “pedaços de carne”.

‘Já estive no mercado de Balogun?’ perguntou ela. ‘Eles põem os nacos de carne em cima do balcão e você é que aperta e cutuca até escolher o que quer. Minha irmã e eu somos carne. Estamos aqui para que os solteiros adequados se aproximem’ (ADICHIE, 2008, p. 74).

O apontamento da personagem exterioriza seu desconforto com a situação de objetivação a qual é forçada a tomar parte, ao mesmo tempo em que suas ações estão em acordo com o que a posição social de seus pais exige das irmãs. Para Kainene, posicionar-se estrategicamente em um contexto que a objetifica parece mais vantajoso, pois assim a mulher talvez possa alcançar seus objetivos de forma mais viável. Uma estratégia de sobrevivência.

Enquanto isso, Olanna é descrita como a irmã mais insatisfeita com as situações a que é submetida, mas exibe, simultaneamente, comportamento complacente com as circunstâncias em que se encontra. Como, por exemplo, no momento em que seus pais tentam aproximá-la de um pretendente, que é descrito como um dos homens poderosos que acreditam ter direito a qualquer mulher que escolham como objeto de admiração, apenas por sua posição influente (THIBES, 2018, p. 68), como a relatada no excerto a seguir:

Por uns instantes, Olanna não fez nada, o corpo frouxo ao lado dele. *Estava acostumada com isso*, com ser agarrada por homens embebidos em nuvens de direitos, recendendo a colônia, que presumiam, por serem poderosos e acharem-na bonita, que eles se pertenciam (ADICHIE, 2008, p. 45, grifo nosso).

Apontamos para o trecho “estava acostumada com isso” devido à familiaridade dessa expressão para o universo feminino, espaço em que, historicamente, mulheres normalizaram comportamentos abusivos apenas por terem se acostumado a eles. A personagem parece entender como as negociações entre os “homens-grandes” podem desenrolar-se independente da vontade de todos os envolvidos. De acordo com Lugones (2014), “Pode-se começar a observar o vínculo entre, por um lado, a introdução colonial do conceito moderno instrumental da natureza como central para o capitalismo e, por outro, a introdução colonial do conceito moderno de gênero” (LUGONES, 2014, p. 938). Logo, ao negociar a afeição de sua filha em troca de parceria nos negócios, os pais de Olanna demonstram o quanto foram impactados pelos modelos econômico e de gênero ocidentais, que, somados a alguns costumes igbo narrados por autores nigerianos sobre as tradições matrimoniais do grupo étnico, tornam a mulher uma moeda de troca poderosa.

Considerações finais

Devido à necessidade de dar continuidade ao diálogo estabelecido com grupos minoritários – em especial com a mulher negra – sobre meios de alienação hegemônica e sobre de que forma isso influencia na aceitação identitária e no empoderamento de pessoas pertencentes a mais de uma minoria, consideramos que este artigo representa mais um passo a ser dado em direção aos caminhos para a desconstrução de preceitos determinados autoritariamente. Além disso, em virtude da possibilidade de associação entre cultura, literatura e identidade, a partir da análise das representações no *corpus* que ilustram a relação da mulher negra com o olhar de terceiros, além da relação da negra com sua própria individualidade, este artigo almejou expandir o alcance de divulgação de literaturas pós-coloniais, em especial a nigeriana, compreendendo a importância da ampla promoção de obras que se prestam a questionar organizações socioculturais vigentes.

Com a ampliação dos estudos pós-coloniais, entre outros que promovem a voz do marginalizado, uma trajetória de ruptura dos paradigmas historicamente consolidados é delineada. Apontamos para a importância das representações ficcionais contemporâneas como fonte de aprendizado e conhecimento de mundo. É o caso das obras de Chimamanda, que se inserem no contexto pós-colonial e contam com representações condizentes às experiências vividas, complementando estudos antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações da mulher negra com a sociedade contemporânea.

A partir das considerações em torno das representações da mulher negra que está submetida à uma posição objetificada e hipersexualizada, esperamos dar continuidade aos estudos em torno da fortuna crítica de Chimamanda Ngozi Adichie, voltando nosso olhar futuramente para os momentos de ruptura que agem como catalisadores para atos de contra posicionamento das personagens em relação à

imposição hegemônica para a atuação da mulher na sociedade ocidental. Destacamos, também, a possibilidade de estabelecer um diálogo com obras de autoras negras brasileiras, como Conceição Evaristo e suas Ana Davenga, Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida etc., personagens representadas no livro de contos *Olhos d'água* (2016) que proporcionam a alternativa de um paralelo entre narrativas. Com isso, acreditamos que o conjunto da obra adichieana contribui para a pertinência da literatura como motivação para questionamentos e veículo de militância política, social, sexual, cultural etc. Adichie está situada em um grupo de autores contemporâneos que escolhem o engajamento pela literatura. Dessa forma, debates acerca da condição do Outro deixam o âmbito exclusivamente acadêmico para alcançar outras esferas, atingindo os maiores interessados nas temáticas abordadas pela autora.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio sol amarelo*. Tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALVES, A.C.O.N.; SOUZA, E.F. A Escrivivência de Chimamanda Ngozi Adichie em *Americanah*: Diálogos com Conceição Evaristo, *Cadernos Cajuína* 3.2 (2018), pp. 85-94. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/221>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*; tradução Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRAGA, C. R. V. *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora*. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

CAMPOS, J. S. O Sétimo Juramento de *Paulina Chiziane* e *Hibisco Roxo de Chimamanda Ngozi Adichie*: um olhar sobre a constituição das personagens, PhD thesis, University of São Paulo, Brazil, 2018. In Portuguese. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-19032019-124450/pt-br.php>. Acesso em: 10 ago. 2021.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KIVAI, G. M. *The Female Voice and the Future of Gender Relationships in the Nigerian Nation in Chimamanda Adichie's Purple Hibiscus and Half of a Yellow Sun*, MA thesis, Kenyatta University, Kenya, 2010, 136 pp. Disponível em: <https://ir-library.ku.ac.ke/handle/123456789/1556>. Acesso em: 10 ago. 2021.

KOSKEI, M. C. *Representation of Female African Immigrant Experience in the West: A Case Study of Chimamanda Adichie's Americanah*, MA thesis, University of Nairobi, Kenya, 2014, 108 pp. Disponível em: < <http://erepository.uonbi.ac.ke/handle/11295/95444>>. Acesso em: 19 out. 2021.

KRISHNAN, Madhu. Abjection and the fetish: Reconsidering the construction of the postcolonial exotic in Chimamanda Ngozi Adichie's *Half of a Yellow Sun*. *Journal of Postcolonial Writing*. Vol. 48, No. 1, February 2012, 26–38. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17449855.2011.577640>. Acesso em: 10 ago. 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. In: LUGONES, María. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. p. 935-952.

MARCELO, N. A. Nigéria no século XX e as marcas da colonização: uma análise de *Hibisco roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie, *Humanidades & Inovação* 6.8 (2019), pp. 237-250. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1336>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MORAES, P. E. B.; CORREIA, H. H. S. O deslocamento do eu no conto “No seu pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Polifonia*, vol.27, n.47, jul.-set., Cuiabá, 2020. p. 01-362. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/10744>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MORAIS, Thayane de Araújo. *Há coisas em volta do teu pescoço: questões de gênero em Chimamanda Ngozi Adichie*. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25095>. Acesso em: 10 ago. 2021.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de. O papel da Guerra de Biafra na construção do estado nigeriano: da independência à segunda República (1960-1979). *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, Dourados, v.3. n.6, jul./dez., 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/3002/2130>. Acesso em: 04 out. 2021.

SANDWITH, Corinne. Frailties of the Flesh: Observing the Body in Chimamanda Ngozi Adichie's *Purple Hibiscus*. *Research in African Literatures*, vol. 47, no. 1, 2016, pp. 95-108. *JSTOR*. Disponível em: www.jstor.org/stable/10.2979/reseafrite.47.1.95. Acesso em: 10 ago. 2021.

TEOTÔNIO, R. C. A. Por uma modernidade própria: o transcultural nas obras *Hibisco roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie e *o Sétimo juramento*, de Paulina Chiziane. *Anais ABRALIC Internacional...* Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4527>. Acesso em: 10 ago. 2021.

THIBES, Luana Caetano. *As mulheres de Chimamanda: representações de raça, etnia e gênero*. 85 f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201610165D.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

THIBES, Luana Caetano; CARVALHO, Isaías Francisco de. A mulher negra em Americanah: níveis de subalternidade nos EUA do século XXI. *Litterata - Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, v. 3, 2013. p. 103-116. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/860>. Acesso em: 10 ago. 2021.

THIBES, Luana Caetano; SANTOS, Daiana Nascimento dos. A migrante africana: processos identitários e resistência no contexto contemporâneo. *Revista Communitas*, v 1, 2017. p. 470-479. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/1503>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TUNCA, Daria. *Bibliografy*. The Chimamanda Ngozi Adichie Website. © 2004-2017 Daria Tunca. Disponível em: <<http://www.l3.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acesso em: 19 out. 2021.